

## Enquadramentos da Temática Ambiental no Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom de 2014 a 2023<sup>1</sup>

Derliz MORENO<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### Resumo

Mudar o paradigma civilizatório e reverter o colapso socioambiental requerem a formação de sujeitos críticos, com leitura sociopolítica e visão sistêmica existencial. Outrossim, este artigo compreende uma pesquisa documental que busca analisar como, na última década, a pauta ambiental foi inserida nos encontros do grupo de pesquisa Comunicação e Educação, no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Dos 539 textos publicados nos anais do GP, 20 contemplam a temática. Categorizaram-se as produções em cinco tendências: I. Revisão de literatura; II. Pesquisa empírica teorizante; III. Experiência prática em ambientes formais; IV. Extensão universitária; V. Pesquisa de eficácia de práticas. Há, destarte, uma diversidade de estratégias e possibilidades responsivas do campo perante a crise civilizatória.

**Palavras-Chave:** Comunicação e Educação; Educomunicação; Educação Ambiental.

### Introdução

Latente e acelerada, a crise civilizatória — colapso decorrente do hegemônico modelo de estruturação das sociedades — tem ocasionado desafios em nível global, os quais comprometem a homeostase ecológica e, por conseguinte, ameaçam a vida no planeta Terra, tanto no presente como no futuro. Intensificam a deterioração ambiental, por exemplo, o modo de produção direcionada à maximização do lucro e à concentração de riqueza, o consumo desenfreado e a expansão descontrolada de atividades agrícolas e industriais. Dentre as consequências observadas estão: mudanças climáticas, derretimento de geleiras, desertificação do solo, perda de biodiversidade, poluições (atmosférica, hídrica, sonora e do solo) e escassez de serviços ecossistêmicos.

Sendo, portanto, uma pauta urgente em âmbito internacional, faz-se necessário sua inserção em práticas educativas, formais e não formais, de todos os níveis e modalidades de ensino. Grifa-se, neste eixo interventivo, a Educação Ambiental (EA) como campo social e como política pública, a qual almeja, sob a perspectiva crítica, a transição paradigmática do modelo civilizatório preponderante para sociedades

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Educação do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP), da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [derlizmoreno@ufpr.br](mailto:derlizmoreno@ufpr.br).

---

epistemologicamente biocêntricas. Isto é, cujos modelos políticos, econômicos e sociais operam em sintonia com a sustentabilidade socioambiental planetária.

Frente à relevância do tema, esta pesquisa documental<sup>3</sup> tem a proposta de analisar quais os enquadramentos da questão ambiental nos anais do Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Educação nas edições de 2014 a 2023 do Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação — parte do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Realizado desde 1977 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), este último compreende o maior evento científico comunicacional na América Latina.

No GP supracitado, acadêmicos, pesquisadores e profissionais, interessados ou dedicados à interface Comunicação e Educação, se reúnem para debates e socialização de descobertas, ideias, teorias e experiências práticas. Variadas possibilidades temáticas são abordadas, como, por exemplo, a influência da Comunicação na Educação, o uso de mídias sociais e tecnologias digitais no ensino-aprendizagem, a comunicação educacional e a apropriação de meios de comunicação em processos educativos escolares, comunitários e demais vias não formais de educação.

Um total de 539 trabalhos foram publicados nos anais no GP Comunicação e Educação de 2014 a 2023, correspondendo da 14ª à 23ª edição do Encontro dos GPs e da 37ª à 46ª edição do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Percentualmente, os 20 trabalhos enquadrados na temática ambiental representam 3,7% do total. Mesmo constituindo uma pequena parcela, a presente pesquisa se justifica pela urgência de haver inserção e aprofundamento da pauta em diversos campos, inclusive na interface Comunicação e Educação e individualmente em ambas as áreas inter-relacionadas. Inclui-se também a possibilidade de o artigo em tela contribuir com a catalisação da temática ambiental em pesquisas e práticas desenvolvidas pelos participantes do GP Comunicação e Educação da Intercom.

### **A Formação Cidadã por meio da Educomunicação e da Educação Ambiental**

Conforme detalhado adiante, as duas palavras-chave mais utilizadas pelos 20 artigos analisados são “Educomunicação”, empregada em 10 trabalhos, e “Educação Ambiental”, empregada em nove trabalhos. Outrossim, para a compreensão da

---

<sup>3</sup> Homenagem à Sandra Pereira Falcão, membro do GP Comunicação e Educação, cujo legado inclui uma significativa contribuição em pesquisas e práticas atinentes à interação da interface com o eixo ambiental.

exposição analítica dos dados coletados, é fundamental discorrer conceitualmente e epistemologicamente acerca de ambos os campos de natureza transversal. Formar cidadãos críticos, emancipados e protagonistas no tocante à transformação de suas respectivas realidades são dois componentes basilares da Educomunicação e da EA.

Segundo Falcão e Citelli (2014, p. 13), no primeiro trabalho analisado nesta pesquisa, referente à comunicação ambiental, percebe-se a coexistência de excelentes produções midiáticas e de um imaginário coletivo composto por frases modelares. Estas tratam da necessária proteção do meio ambiente e da ação de cada indivíduo na reversão dos danos socioambientais dos quais os seres humanos são, concomitantemente, geradores e vítimas. No entanto, ainda de acordo os autores, verificam-se indícios de não haver “agentes multiplicadores em número suficiente para promover mudanças no ideário predominante, de modo a tornar a população partícipe majoritária em ações concretas favoráveis ao resgate ambiental e social coletivo”.

Precipuamente, como conceitua Soares (1999, p. 27, grifo do autor), a interface Comunicação e Educação, cuja natureza é relacional, se estrutura “de um modo *processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo*, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social”. Pode-se elencar quatro possíveis materializações do campo:

I. Educação para a comunicação, promovendo-se “reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação, assim como pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios”; II. Mediação tecnológica educacional, a qual é compreendida pelos “procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação”; III. Gestão da comunicação, área voltada ao “planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que articulam-se no âmbito da Comunicação/Cultura/Educação, criando ecossistemas comunicacionais”; e IV. Reflexão epistemológica acerca da inter-relação entre a Comunicação e a Educação enquanto fenômeno cultural emergente – “o que, no campo da academia, corresponde ao conjunto dos estudos sobre a natureza do próprio fenômeno constituído pela inter-relação em apreço” (Soares, 1999, p. 27).

Referente à descentralidade da produção de informação e do conhecimento, esta é denominada por Citelli (2000, p. 35) de “discursos institucionais não-escolares”.

Neste quesito, a educação para a comunicação e a mediação da tecnologia na dimensão educativa são imprescindíveis. Instrumentos tecnológicos acompanhados do acesso à *internet*, como observam Citelli (2012, p. 7-10) e Velasco (2011, p. 67-69), propiciaram que as instituições de educação formal se introduzissem na complexa e imprevisível era digital, embora em lenta velocidade na tentativa de acompanhar as constantes mudanças e responder aos seus desafios atemporais.

Tratando-se da Educação Ambiental crítica (Layrargues e Lima, 2014), é possível caracterizá-la como um processo idealmente contínuo e permanente, sendo desenvolvida a partir de projetos destinados à resolução de problemas locais, que, por sua vez, são abordados enquanto temas geradores (Layrargues, 1999). Os temas são ramificados em temáticas transversais componentes do cardápio de aprendizagem. Portanto, a EA visa ser dialógica, interdisciplinar, participativa e incentivadora do pensamento complexo, a fim de formar cidadãos lúcidos e libertos (Freire, 2005), capazes de intervirem na realidade socioambiental a partir de suas próprias capacidades e do controle social (Carvalho, 2004; Dias, 2004; Reigota, 2009).

De caráter contra-hegemônico, as práticas educativas ambientais se destinam a alicerçar a transição para sociedades sustentáveis (Diegues, 1992) e regenerativas (Wahl, 2019). Isto é, buscam a mudança de paradigma civilizatório. Os necessários neomodelos de sociedade rompem com o preponderante sistema centro-periferia de economia capitalista, que inerentemente ocasiona e acentua desigualdades socioeconômicas e intensifica problemas do evidente colapso (Taibo, 2019). Busca-se a construção modelos de civilização operantes a partir das especificidades locais, em respeito à vida e à dignidade dos seres humanos e demais seres vivos.

No que tange à Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), instituída via Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e regulamentada via Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002 (Brasil, 2002), define-se que a EA deve conduzir a construção individual e coletiva de “valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências” (Brasil, 1999, p. 43), com fundamento na visão holística existencial (Capra, 2012; Capra e Luisi, 2014), no senso de corresponsabilidade e na sensibilidade ética. Logo, a EA propõe a produção de conhecimento de forma contra-dogmática e contra-fragmentativa, com oposição à disciplinaridade e à suposta neutralidade ética, estabelecendo-se enquanto campo transversal, ideológico e político (Tratado [...], 2018, p. 90).

## Procedimentos da Pesquisa Documental

Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 4) caracterizam que uma pesquisa documental compreende a utilização de documentos para a extração de informações a partir de etapas e procedimentos, organizando-se informações a serem categorizadas e analisadas, e elaborando-se sínteses. A fim de verificar os enquadramentos da questão ambiental nos trabalhos publicados nos anais do GP Comunicação e Educação nas edições de 2014 a 2023 do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

I. Quantificar o total de trabalhos do GP Comunicação e Educação publicados nos anais do 37º ao 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; II. Quantificar o total de trabalhos enquadrados na temática ambiental; III. Identificar as palavras-chave utilizadas nos trabalhos enquadrados na temática ambiental; IV. Identificar os autores dos trabalhos enquadrados na temática ambiental; e V. Identificar os temas dos trabalhos enquadrados na temática ambiental.

Os dados coletados para cumprir com o quinto objetivo específico foram interpretados por meio de análise de conteúdo, com vistas à produção de categorizações.

## Exposição Analítica dos Dados Coletados

No recorte temporal de 2014 a 2023, correspondendo do 14º ao 23º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação e do 37º ao 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, houve: 39 textos publicados nos anais em 2013, 50 em 2014, 63 em 2015, 83 em 2016, 70 em 2017, 55 em 2018, 43 em 2019, 44 em 2020, 44 em 2021, 37 em 2022 e 50 em 2023. Ao menos um artigo exposto no Grupo de Pesquisa incluiu a questão ambiental de alguma maneira, sendo, ao todo, 20 produções, a saber: uma em 2014, duas em 2015, uma em 2016, uma em 2017, três em 2018, duas em 2019, duas em 2020, duas em 2021, três em 2022 e três em 2023.

Tabela – Balanço dos trabalhos sobre a questão ambiental de 2014 a 2023

N.º	ANO	EDIÇÃO	TOTAL DE TRABALHOS NO GP	ENQUADRADOS NA TEMÁTICA AMBIENTAL
I	2014	37ª/14ª	50	1 (2%)
II	2015	38ª/15ª	63	2 (3,1%)

III	2016	39 <sup>a</sup> /16 <sup>a</sup>	83	1 (1,2%)
IV	2017	40 <sup>a</sup> /17 <sup>a</sup>	70	1 (1,4%)
V	2018	41 <sup>a</sup> /18 <sup>a</sup>	55	3 (5,4%)
VI	2019	42 <sup>a</sup> /19 <sup>a</sup>	43	2 (4,6%)
VII	2020	43 <sup>a</sup> /20 <sup>a</sup>	44	2 (4,5%)
VIII	2021	44 <sup>a</sup> /21 <sup>a</sup>	44	2 (4,5%)
IX	2022	45 <sup>a</sup> /22 <sup>a</sup>	37	3 (8,1%)
X	2023	46 <sup>a</sup> /23 <sup>a</sup>	50	3 (6%)
<b>TOTAL</b>			539	20 (3,7%)

Fonte: Resultados da pesquisa, 2024

Identificaram-se o total de 49 palavras-chave utilizadas nos 20 trabalhos enquadrados na temática ambiental de 2014 a 2023, sendo 39<sup>4</sup> com uma única aparição (79,5%) e dez compartilhadas entre os textos (20,4%): I. Educomunicação, com uso em 10 trabalhos; II. Educação Ambiental, com uso em nove trabalhos; III. Educomunicação Socioambiental, com uso em seis trabalhos; IV. Comunicação e Educação, com uso em cinco trabalhos; V. Amazônia, com uso em três trabalhos; VI. Comunicação, com uso em dois trabalhos; VII. Comunicação ambiental urbana, com uso em três trabalhos; VIII. Educação, com uso em dois trabalhos; IX. Políticas públicas, com uso em dois trabalhos; e X. Trânsitos discursivos multidimensionais, com uso em dois trabalhos.

Os 20 artigos foram elaborados por 13 autores, de forma individual ou em coautoria e dentre os quais dois publicaram mais de uma vez sobre a temática ambiental. Foram eles: I. Ana Paula de Moraes Teixeira, com um trabalho em coautoria; II. Carine Filippi Chiella Nichele, com um trabalho individual; III. Denise Cortez da Silva Accioly, com um trabalho individual; IV. Derliz Hong Hung Moreno, com quatro trabalhos em coautoria e um trabalho individual; V. Felipe Gustavo Guimarães

<sup>4</sup> I. Abordagem multimétodo; II. Agenda 2030; III. Baía da Babitonga; IV. Cidadania; V. Cidadania vinculada à ecologia; VI. Cidade Escola Ayni; VII. Ciência; VIII. Cinedebate; IX. Comunicação ambiental; X. Consumo; XI. Desenho animado; XII. Desenvolvimento sustentável; XIII. Desinformação; XIV. Dialogismo; XV. Diálogo; XVI. Ecologia integral; XVII. Educação ambiental emancipatória; XVIII. Educação infantil; XIX. Educação socioambiental; XX. Ensino Fundamental; XXI. Escola; XXII. Extrativistas; XXIII. Interações tecnoimagéticas; XXIV. Interesses; XXV. Intervenção social; XXVI. Juventude; XXVII. Meio Ambiente; XXVIII. Memória afetiva; XXIX. Mobilização cidadã; XXX. Pacto educativo global; XXXI. PET (Programa de Educação Tutorial); XXXII. Práticas comunicacionais/educativas; XXXIII. *Pré-bunking*; XXXIV. Processos educacionais; XXXV. Protagonismo; XXXVI. Rádio; XXXVII. Recepção; XXXVIII. Sujeitos educandos; e XXXIX. Sustentabilidade.

---

Saldanha, com um trabalho individual; VI. Helena Corazza, com um trabalho individual; VII. Iris Tomita, com um trabalho individual; VIII. Patricia Zimmermann, com um trabalho individual; IX. Rosa Luciana Rodrigues, com um trabalho individual; X. Rosely Risuenho Viana, com um trabalho individual; XI. Sandra Pereira Falcão, com um trabalho em coautoria e três trabalhos individuais; XII. Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira, com um trabalho individual; e XIII. Wellington Nardes, com um trabalho individual.

I. No ano de 2014: [Texto 1] “Comunicação, Educação e Educomunicação Socioambiental: trânsitos discursivos convergentes,” de autoria de Sandra Pereira Falcão, se debruça na contribuição da Educomunicação Socioambiental em projetos e estratégias perante os desafios urbanos, com vistas à melhoria da qualidade de vida, sobretudo em grandes cidades;

II. No ano de 2015:

a) [Texto 2] “Contribuições dos desenhos animados para Educação Ambiental em sala de aula,” de Iris Tomita, busca investigar como os elementos da linguagem audiovisual de animações podem contribuir como instrumentos da EA na Educação Infantil, em contraposição aos produtos midiáticos incentivadores do consumismo,

b) [Texto 3] “Interface Comunicação/Educação e Cuidado Ambiental Urbano: Perspectivas Dialógicas,” de Sandra Pereira Falcão, apresenta e analisa resultados de uma pesquisa sobre Comunicação e EA na construção de sentidos urbanos. Destaca-se a necessidade de novos entendimentos acerca dos sentidos socioambientais e da criação de espaços nos quais os cidadãos consigam repensar as práticas coletivas de cuidado com o meio ambiente nas cidades,

III. No ano de 2016: [Texto 4] “Educomunicação Socioambiental: Reflexões sobre a Amazônia na Divulgação Científica *on line*,” de Rosely Risuenho Viana, aborda a legitimidade dos *websites* de comunidades científicas como “porta-vozes” da Amazônia. Examina-se a maneira pela qual os estudantes daquela região recebem e interpretam as informações, a fim de entender os limites e possibilidades dessas mensagens na educação formal e em suas respectivas mediações;

IV. No ano de 2017: [Texto 5] “Educomunicação e Sustentabilidade: Uma Análise Dos Discursos e Das Práticas Sustentáveis No Ensino Fundamental,” de Wellington Nardes, investiga os projetos e oficinas de Educomunicação Socioambiental

---

na Escola Municipal Professora Ada Sant'Anna da Silveira, situada em Joinville (Santa Catarina). É avaliado se as referidas práticas para as turmas de Ensino Fundamental – Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano) e de Ensino Fundamental – Anos Finais (do 6º ao 9º ano), de fato, estimulam a aderência às práticas sustentáveis ou a mera proferição de discursos. Verifica-se a efetividade das iniciativas, especialmente nos Anos Iniciais, haja vista que os alunos ingressaram na instituição supracitada quando o tema ambiental foi incorporada oficialmente no Projeto Político Pedagógico (PPP);

V. No ano de 2018:

a) [Texto 6] “Comunicação Socioambiental, Interesses e Educação: perspectivas cruzadas”, de Sandra Pereira Falcão, debate aspectos da Comunicação/Educação Socioambiental frente aos interesses, com o objetivo de analisar as possibilidades transformadoras da realidade, de modo a “descongelar” tal olhar da escola e movê-lo para as ações concretas no cotidiano. Verifica-se, por meio de pesquisas qualitativas e quantitativas, que os trânsitos discursos da interface em tela influenciam na ação dos moradores de territórios degradados,

b) [Texto 7] “Educomunicação Socioambiental no âmbito da Baía da Babitonga,” de Patricia Zimmermann, comunica uma pesquisa centrada na sensibilização e mobilização da questão socioambiental e cultural a partir da Educomunicação no Projeto Babitonga Ativa (PBA). Realizadas de 2015 a 2018, as ações envolveram crianças, adolescentes e adultos de seis municípios catarinenses. A investigação participativa evidenciou a inserção perene da abordagem educ comunicativa enquanto referencial às políticas públicas de EA no Brasil, considerando o alinhamento da PNEA com as ações do PBA,

c) [Texto 8] “Oficina Educomunicativa Socioambiental “Semeando o Amanhã”: Da Exibição do Curta-Metragem ao Zine,” de Derliz Hong Hung Moreno, retrata uma pesquisa na qual pôs-se em prática, por meio da oficina Semeando o Amanhã, uma proposta de Educomunicação como ferramenta para a EA em Foz do Iguaçu (Paraná). Desenvolvida em 2017 com uma turma de 4º ano da Escola Municipal Papa João Paulo I, a iniciativa inspirada no método de Jornal Escolar de Célestin Freinet resultou no zine “Mundo Melhor”, contendo textos livres inspirados no curta-metragem “Carta da Terra para Crianças: Um Novo Olhar - O Filme”;

VI. No ano de 2019:



---

a) [Texto 9] “Abordagem multimétodo, memória afetiva e prospectiva: faces da pesquisa em Comunicação e Educação Ambiental”, de Sandra Pereira Falcão, apresenta alguns resultados de uma pesquisa que coletou dados de respondentes pertencentes a 12 grupos distintos. Contempla-se o detalhamento da abordagem multimétodo e as interações discursivas tecnoimagéticas da investigação,

b) [Texto 10] “O potencial educ comunicativo do rádio na Amazônia em processos de educação ambiental,” de Rosa Luciana Rodrigues, constitui o ensaio inicial para um projeto de pesquisa referente ao potencial do rádio em processos de EA na Amazônia. Retratam-se as experiências do programa Caminhos da Amazônia, difundido por 20 emissoras de sete estados da região, e do projeto Rádio pela Educação, desenvolvido por 16 anos com a participação direta de professores e estudantes do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, tendo sido desenvolvido também na Rádio Rural de Santarém (Para);

VII. No ano de 2020:

a) [Texto 11] “Educomunicação socioambiental na prática: Valorização da castanha-da-amazônia por alunos de Escola Família Agrícola (EFA), em Rondônia”, de Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira, aborda um processo educativo socioambiental conduzido pela Embrapa<sup>5</sup> Rondônia com alunos de uma Escola Família Agrícola (EFA), a partir da valorização da castanha-da-amazônia como tema gerador. Busca-se analisar e debater as interações entre os atores sociais, compreendidos por alunos, professores e pesquisadores, os quais foram intermediados pelo processo dialógico de comunicação. Este, por sua vez, gera subsídios para videoaulas e produtos de comunicação que valorizam e estimulam o protagonismo cidadãos da juventude rural,

b) [Texto 12] “Protagonismo Juvenil no Entrelace da Educomunicação com a Educação Ambiental,” de Derliz Hong Hung Moreno, apresenta uma experiência de Educomunicação e EA composta por encontros em sala de aula, visita educativa em zoológico, exposição em mostra pedagógica e entrevistas em programa radialístico. Constituiu-se uma comunidade de aprendizagem com alunos do Ensino Médio do Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP) Manoel Moreira Pena (Colégio Agrícola) de Foz do Iguaçu. No texto, são analisadas as duas entrevistas concedidas por

---

<sup>5</sup> Sigla para Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

---

parte dos educandos, cujas falas enfatizaram a alteridade e o diálogo como pilares da transformação da realidade socioambiental;

VIII. No ano de 2021:

a) [Texto 13] “A Formação de Educadores Ambientais na perspectiva da Educomunicação Socioambiental: a experiência do IDEMA RN<sup>6</sup>,” de Denise Cortez da Silva Accioly, tem por objetivo refletir sobre uma experiência de formação de educadores ambientais orientada pela Educomunicação Socioambiental: o Curso Básico em Educação Ambiental do IDEMA RN. Tal proposta se orienta pelos fundamentos epistemológicos e políticos do campo social, com metodologia baseada na formação e informação dialógica,

b) [Texto 14] “Aves do Meu Quintal: O Pertencimento Enquanto Elemento-Chave em Modelo Formativo Voltado à Proteção da Avifauna da Mata Atlântica,” de Derliz Hong Hung Moreno, analisa dados de dois questionários qualitativos aplicados a sete alunos participantes do curso Aves do Meu Quintal, ofertado pelo projeto Birdwatching Foz em 2020. Realizada com estudantes do Ensino Médio do Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu, a trilha educativa teve como resultado textos livres de sensibilização, que foram compilados no livreto digital “Cantos da Nossa Mata”. Foi possível observar que os participantes ampliaram o conhecimento sobre a biodiversidade, reforçaram a conexão com a Mata Atlântica e tornaram-se potenciais agentes transformadores;

IX. No ano de 2022:

a) [Texto 15] “Confluência Transversal na Formação de Licenciandos: Possíveis Interlocações entre Educomunicação e Educação Ambiental,” de Derliz Hong Hung Moreno, investiga os efeitos de uma experiência de interlocação entre EA e Educação Ambiental na disciplina de Educação Ambiental para licenciandos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Por meio da utilização de uma ferramenta comunicacional, como *podcast* ou vídeo, os alunos entrevistaram educadores ambientais, com a finalidade de contrastar os conhecimentos teóricos com a prática dos agentes com os quais tiveram contato direto,

b) [Texto 16] “Duas décadas de Educomunicação Socioambiental: tendências de práticas sociais em interface com outros campos,” de Felipe Gustavo Guimarães

---

<sup>6</sup> Sigla para Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte.

Saldanha, visa identificar as atuais tendências de intervenção social da Educomunicação Socioambiental e os aportes teóricos advindos dos relatos. Por conseguinte, produziu-se uma análise documental de conteúdo da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), aliada a pesquisa bibliográfica, tendo sido constatada a pluralidade epistêmica das práticas sociais evidenciadas. Identificaram-se quatro tendências: em ecossistemas costeiros e marinhos, em alinhamento com o desenvolvimento sustentável, em interação com a Divulgação Científica e em interação com o campo da Comunicação e Saúde,

c) [Texto 17] “Educomunicação e Pacto educativo global: diálogos possíveis para uma ecologia integral,” de Helena Corazza, examina a aproximação e a interlocução entre a Educomunicação e a proposta do Pacto Educativo Global. Propõe também identificar possíveis alianças para envolver o ecossistema educativo e tornar as novas gerações empoderadas, especialmente crianças e jovens no ambiente digital;

X. No ano de 2023:

a) [Texto 18] “Cidade Escola Ayni: Educomunicação socioambiental e a construção de cidadania ecológica,” de Carine Filippi Chiella Nichele, retrata uma pesquisa em desenvolvimento que visa investigar como as práticas comunicacionais/educativas de sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni, localizada em Guaporé (Rio Grande do Sul), contribuem na construção de processos educacionais e cidadãos de forma vinculada à ecologia. A realização de uma pesquisa exploratória inicial possibilitou observar questões orientadoras das etapas seguintes da pesquisa: senso de coletividade, participação, autonomia, aproveitamento de materiais, economia, noções acerca dos resíduos, alimentação saudável e cuidado com os espaços,

b) [Texto 19] “Combate à desinformação nos âmbitos acadêmico e profissional: Pré-*bunking* e comunicação educativa agenciando soluções em torno da Agenda 2030,” de Ana Paula de Moraes Teixeira, também apresenta uma pesquisa em desenvolvimento. Trata-se de um estudo acerca de um esquema programático *prebunking*, com realização de extensão universitária para ações intervencionistas. Fundamentada no estado da arte acerca do tema, o trabalho preconiza um recorte que conflui intervenções acadêmicas e profissionais, a fim de construir um material instrucional de mitigação aos efeitos negativos de conteúdos falsos ou enganosos em

jovens, com ênfase nos alunos de Ensino Médio de instituições públicas de ensino. Diferente dos demais 20 trabalhos analisados, este versa sobre o combate à desinformação como componente da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, da Organização das Nações Unidas (ONU). Destarte, não trata diretamente da temática ambiental,

c) [Texto 20] “O Cinedebate na Educação Ambiental de Transição para Sociedades Sustentáveis,” de Derliz Hong Hung Moreno, analisa o efeito pedagógico do cinedebate virtual “A questão dos resíduos na construção de sociedades sustentáveis”, o qual contemplou casos práticos do poder público (Prefeitura Municipal de Curitiba e Prefeitura Municipal de Santa Terezinha de Itaipu) e da iniciativa privada (Transmuta e Ideia Circular). Analisando-se dois questionários respondidos por espectadores, antes e após o evento, foi perceptível o amalgamamento, de forma acessível, entre teoria e prática, no que tange à transição para sociedades sustentáveis e regenerativas, e o cumprimento da função inspiradora e mobilizadora dos ouvintes para a ação em direção.

Perante as propostas dos 20 textos analisados, é possível definir cinco tendências observadas nos enquadramentos da temática ambiental no GP Comunicação e Educação da Intercom de 2014 a 2023:

I. Revisão de literatura: quatro textos (1, 2, 16 e 17) constituem revisão de literatura que buscam insuflar fôlego às práticas e às pesquisas que a interface Comunicação e Educação pode oferecer à causa ambiental; II. Pesquisa empírica teorizante: quatro textos (3, 4, 6 e 9) apresentam resultados de investigações cujos intuítos foram produzir teorizações; III. Experiência prática em ambientes formais: quatro textos (8, 12, 14 e 15) compartilham práticas metodológicas experimentais que foram aplicadas em contextos formais de educação; IV. Extensão universitária: dois textos (19 e 20) versam sobre o extravasamento do conhecimento científico das instituições formais de ensino para a sociedade, de modo a incentivar o pensamento crítico dos cidadãos e mobilizá-los para a ação; e V. Pesquisa de eficácia de práticas: seis textos (5, 7, 10, 11, 13 e 18) tangem a pesquisas que buscam avaliar os resultados de iniciativas em contextos formais e não formais de educação.

Como propõe Falcão e Citelli (2014, p. 13), as diversas esferas acadêmicas podem realizar estudos concernentes às estratégias comunicacionais urbanas de transformação socioambiental. Quanto aos trânsitos discursivos socioambientais

---

envolvidos, espera-se que a Educomunicação Socioambiental se consolide a partir do estabelecimento de “parâmetros importantes para a pesquisa e a intervenção voltadas à permeabilidade da comunicação sobre o meio na urbe e suas possibilidades de construção de sentido”.

Verifica-se que há variadas possibilidades de pesquisa para a inserção da questão ambiental na interface Comunicação e Educação, além de outras estratégias adjacentes que podem ser viabilizadas pelos pesquisadores. Seja em Educomunicação Socioambiental ou em comunicação educativa, as pesquisas bibliográficas, teóricas, empíricas e avaliativas têm o potencial de robustecer as práticas para a formação cidadã, de incentivar a mobilização social e de propiciar intervenções diretas nos problemas decorrentes da crise civilizatória.

#### **‘O Caminho Adiante’**

Frente à análise dos 20 textos que abordam diversas facetas da interação entre a interface Comunicação e Educação com a temática ambiental, constata-se a capilaridade de práticas focadas no propiciamento de qualidade de vida em espaços geográficos urbanizados, ruralizados e naturais. A Educomunicação Socioambiental, conforme sublinhado nas produções analisadas, compreende uma estratégia desejável e necessária para promover sensibilização, educação e ação coletiva em responsividade aos desafios resultantes do colapso do modelo civilizatório hegemônico.

Sobretudo, as instituições formais de ensino, especialmente as universidades, desempenham papel *sine qua non* na formação para a cidadania, por meio das vias formais e não formais da educação. No que se refere ao aprimoramento das práticas, as pesquisas sobre métodos experimentais, projetos extensionistas e experiências aportam com abordagens, atributos e estratégias capazes de tornar os processos educativos mais adequados, envolventes e com real impacto em cada tipo de público destinatário.

Há, como pode-se observar na análise em tela, uma ampla variedade de práticas, desafios e oportunidades no tocante à confluência da interface Comunicação e Educação com a EA. Construir sociedades sustentáveis e regenerativas está atrelada a iniciativas dialógicas integradas e ao intercâmbio de conhecimentos, sendo os encontros anuais do GP Comunicação e Educação da Intercom um espaço profícuo. Em concordância com a Carta da Terra — declaração internacional de princípios éticos — “todo indivíduo,

família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar” (Carta [...], 2018, p. 101). Incentiva-se que artes, ciências, religiões, instituições educativas, meios de comunicação, empresas, organizações não governamentais (ONGs) e governos ofereçam uma liderança criativa perante a crise civilizatória.

Grife-se, por fim, que a Educação Ambiental, similar à Educomunicação, é interdisciplinar, requer participação e agrega os diferentes tipos de conhecimento, não apenas científico, a fim de incitar o protagonismo dos envolvidos, que partem de um tema gerador para buscar conjuntamente a solução. Este ponto de partida conduz à macrovisão em nível global e, uma vez mais, relaciona-se com a realidade local. Baseada na ética da sustentabilidade e no pensamento complexo, a prática educativa ambiental tem o propósito de despertar a lucidez dos cidadãos acerca da corresponsabilidade na transformação socioambiental planetária – processo que envolve todos os grupos das sociedades e as interações estabelecidas entre eles.

## Referências

BRASIL. Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. *In*: BRASIL. **Diário Oficial da União**, ano CXXXIX, n. 121, Brasília, 26 jun. 2002. p. 13.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. *In*: BRASIL. **Diário Oficial**, Brasília, ano CXXXVII, n. 79, 28 abr. 1999. p. 1-3.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Newton Roberval Eicheemberg (trad.). 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. Mayara Teruya Eicheemberg; Newton Roberval Eicheemberg (trad.). São Paulo: Cultrix, 2014.

CARTA da Terra. *In*: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - MMA, Ministério da Educação - MEC. **Educação Ambiental por um Brasil Sustentável**: ProNEA, Marcos Legais e Normativos. Brasília: MMA, 2018. p. 95-101.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CITELLI, Adilson Odair. Inflexões educacionais. *In*: **Comunicação & Educação/revista do Curso Gestão da Comunicação do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**, ano 17, n. 1, jan./jun. 2012. São Paulo: CCA-ECA-USP: Paulinas, 2012. p. 7-12.

---

CITELLI, Adilson Odair. Meios de Comunicação e Práticas Escolares. *In: Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Editora Segmento, n. 17, jan./abr. 2000. p. 30-36.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos S. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. *In: São Paulo em Perspectiva*, v. 6, n. 1-2, jan./jun. 1992. p. 22-29.

FALCÃO, Sandra Pereira; CITELLI, Adilson Odair. Comunicação, Educação e Educomunicação Socioambiental: trânsitos discursivos convergentes. *In: BARBOSA, Marialva; BARBOSA, Maria do Carmo Silva; FERNANDES, Ariane Carla Pereira; FERNANDES, Marcio Ronaldo Santos (org.). Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 1 a 5 de setembro de 2014*: Comunicação: guerra e paz. São Paulo: Intercom, 2014. p. 1-15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental?. *In: REIGOTA, Marcos (org.). Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999. p. 131-148.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. *In: Ambiente & Sociedade*, v. 17, n. 1, jan./mar. 2014. p. 23-40.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano I, n. 1, jul. 2009. p. 1-15.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *In: Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999. p. 19-74.

TAIBO, Carlos. **Colapso**: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo. Marília Andrade Torales Campos e Andréa Macedônio de Carvalho (trad.). Curitiba: Editora UFPR, 2019.

TRATADO de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. *In: BRASIL. Educação Ambiental por um Brasil Sustentável*: ProNEA, Marcos Legais e Normativos. Brasília: MMA, 2018. p. 89-94.

VELASCO, María Teresa Quiroz. Os estudantes: dentro e fora da escola. *In: Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP: Paulinas, ano 16, n. 2, jul./dez. 2011. p. 67-72.

WAHL, Daniel Christian. **Design de culturas regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2019.